

## LIVRO DAS DENÚNCIAS

De suas visitas aos arquivos portugueses, trouxe o historiador campineiro, José Roberto Amaral Lapa, mais um Livro de Denúncias do Santo Ofício. Trata-se da Visitação ao Estado do Grão-Pará, nos anos de 1763-69.

Com o achado do ilustre campineiro se enriquecem as fontes para o levantamento da História da Inquisição, no Brasil.

Uma vantagem da descoberta de Amaral Lapa, para o estudo daquele tribunal, é o fato de seu documentário abranger uma época e uma área diversas das denúncias anteriormente editadas, além de se apresentar com certas características típicas, diversas das oferecidas pelas coletâneas de Paulo Prado, de Capristano, de Rodolfo Garcia, de Pedro Calmon e de José Gonçalves de Melo, todos eles abrangendo as épocas de 1591 e 1618, e se limitando às visitas da Bahia e de Pernambuco.

I. A primeira marca é que a Edição Amaral Lapa se faz acompanhar de sério estudo sobre o clima político e social em que a Inquisição vem operar, e de um levantamento dos perfis e folhas de serviços dos juizes e denunciadores, em que o A, deu larga à sua visada de analista seguro da História.

II. Quem conhece os documentários e processos, editados por aqueles primeiros historiadores, vai se surpreender com os quadros que a publicação de Amaral oferece, ao notar a absoluta ausência de cristãos novos nos julgamentos do Grão-Pará.

Raríssimo os denunciadores que, ao se identificarem, lembram a condição de XV (isto é, de cristão velho).

Teriam desaparecido de todo os sefardins marranos do quadro da vida social brasileira, em 1763? Teriam melhorado de costumes e de piedade? Ou teriam se tornado tão importante que já ninguém ousa incomodá-los. Essa visitação ocorreu já no reinado de D. José I, sendo ministro o poderoso Marquês de Pombal, o mesmo que, ao pretender el-Rei e seu Inquisitor-Mór reestabelecer os estigmas para os sefardins, informou que, por cautela, havia trazido à reunião ministerial três rodela amarelas, as mesmas que os cristãos novos deveriam ostentar.

— Para quem as trouxe, Senhor Marquês? — quis saber o Rei.

— Uma para mim. V. M. sabe muito bem dos meus avós marranos. Se vamos marcar a "gente de nação", não vejo como me eximir da rodela.

— E as outras?

— Uma outra vai muito bem com o sr. Inquisitor-Mór, sabido que é S. Ex. um autêntico rebenito da casa d'el-Rei Davi. A terceira destino a V.M., em homenagem à formosa judia, filha do marrano Pereira, de quem procede a casa de Bragança.

Está aí por que a Inquisição de 1763-69 não procurou caçar sefardins no Estado do Grão-Pará. Tinham se tornado importantes e conscientizados de suas origens.

III. Não tendo judeus para caçar que veio buscar a Visitação? Em sua maioria, gente sem eira nem beira, uns pobres índios supersticiosos, índias avesadas nos feitiços da pagelança e do catingó, alguns negros, um dos quais estranhamente confessa ter se feito cristão ainda na África, antes de se escravizar. Enquanto a Inquisição de 1591 e 1618 buscou médicos, professores letrados, senhores de engenho e comerciantes, a de 1763 se contentou com laia mais modesta.

IV. Outra marca dessa última Visitação foi se ter tornado exuberante mostra de denso processo de sincretismo religioso. O exemplo mais frisante é o de índios entregues a pactos com o Diabo, ao estilo de Fausto. O Mefistofeles do Grão-Pará é Jurupari, conversado na linguagem tupi, e buscado para facilitar amores com retraídas cunhas.

Outro caso de aculturação, no campo do sagrado, e que excita a bisbilhotice dos srs. Inquisidores, é de índios conhecedores de rezas a São Cipriano e São Marcos para conseguir a consentimento de amantes resistentes.

V. O Livro das Denúncias é, como não podia deixar de ser, um mostruário de pecados, tais e tantos que Cametá, também chamada Vila Viçosa, deveria ser Vila Viciosa, segundo sugestão do Bispo.

Amaral Lapa, em seu achado, está retirando do oceano do Passado restos de naufrágios, ricos de indícios e sinais da velha sociedade colonial.